

ANDRÉ VIANCO

CO
CASO
LAURA

ROCCO
HUMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



ANDRÉ VIANCO

°CASO
LAURA
ROCCO HILL

Copyright © 2011 by André Vianco

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Conversão para E-book

Freitas Bastos

Design de capa: Christian Pinkovai

Foto do autor: Marisa Samogin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

V668c

Vianco, André

O caso Laura [recurso eletrônico] / André Vianco. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

recurso digital

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-053-6 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-3124

CDD-869.93

CDU-821.134.3(81)-3

Para o meu pai

— Não sei se eu já te falei, pai, mas arranjei um amigo novo. Acho que faz umas quatro ou cinco semanas que nos encontramos todos os dias. Vejo mais ele do que vejo você, mas sei que você entende e não fica chateado com isso. Você sempre quis que eu me divertisse mais, sempre me empurrou para os carinhas interessantes quando eu estava no colégio, me encorajando e conversando comigo a respeito de tudo na vida.

Laura suspirou e ficou olhando para o pai, esperando uma resposta, um sinal de aprovação.

— Você sempre fez o tipo de pai moderninho. Minhas amigas não acreditavam quando eu contava os papos que a gente tinha. Quando eu contava das vezes que você me tirava do quarto, da frente do computador ou da TV e fazia eu me trocar e colocar batom e tudo pra ir a uma festa ou baladinha, elas surtavam. Diziam para eu cuidar de você até o fim da minha vida porque pai assim não existe.

O sorriso tímido que teimava em brotar nos seus lábios sempre morria quando chegava o silêncio. Ela falava com o pai usando a voz num tom baixo. Não que o pai fosse se importar com o volume, mas ela sempre teve aquilo, verdadeira aflição em ser notada e horror a incomodar os outros com sua voz aguda. Lembrava do desconforto que era escutar a si própria numa gravação caseira, falando para a câmera nas festas de amigas ou na formatura. Já que estavam em um hospital, temia que os familiares no leito ao lado a ouvissem fazendo suas confissões eventuais ao pai acamado. Deixou outro suspiro fugir do peito e cruzar a distância entre ela e o pai calado. De tempos em tempos, ajeitava o cabelo e remexia as rosas no jarro d'água improvisado como vaso. Casa de ferreiro, espeto de pau. Ela bem que podia trazer um vaso decente, mas nunca se lembrava. Só visitava o pai quando dava na veneta ou quando estava demasiadamente deprimida, sem ninguém mais para escutá-la. Evitava estar ali, não por falta de amor ou consideração, mas é que a jovialidade e a intensidade das palavras daquele homem em muitas conversas travadas num passado nada distante oprimiam ainda mais o peito daquela filha. Raro era o episódio em que ela entrava ali, naquele quarto, de caso pensado, com tudo planejado e esquematizado na agenda. Acontecia de ela estar ali. Muitas vezes com os olhos rasos d'água pela tristeza que

pisoteava seu peito ou tomada pelas lembranças dos carinhos e cuidados daquele paizão ausente que tantas vezes segurara a sua barra.

Laura ficou calada mais um tempo, passando a mão suavemente em seu próprio pulso. Parava, inconsciente, nas lombadinhas que tinham se formado ali, na pele. Queloides, cicatrizes deixadas pelo desespero. Olhando para as rugas no rosto do pai, as papadas que começavam a crescer, o cabelo já branquinho apesar do topete cheio, tudo compondo e acusando o açoitamento certo do tempo, deu um novo suspiro. O pai continuou calado e ela, mesmo sem resposta alguma, seguiu seu misto de confissão e desabafo.

– O nome desse meu amigo é daqueles que a mamãe gostava, nome de anjo. Miguel.

Ela pausou a fala e olhou para o armário do leito vizinho. Lá, repousava uma estatueta de um anjo com uma lanterna de vidro e fogo agarrada pela mão.

– Já contei que estou trabalhando na igreja do centro agora? Acho que não. Os cupins aprontaram umas boas por lá. Pelo menos eu e a Simoneca teremos trabalho até o fim do ano. Benditos sejam os cupins, pai.

Novo período de silêncio. Laura suspirou antes de continuar.

– Não sei se é por causa do Miguel ou por sua causa, papai, que eu resolvi esperar mais um pouco – disse, em tom mais baixo ainda, as palavras entremeadas por fungadas.

Agora Laura chorava. Ficou calada por mais de dez minutos, olhando fixamente para o pai. Às vezes tinha a impressão de estar falando com uma casca vazia e isso a enchia de medo e solidão. O tubo de oxigênio entrando pela narina do pai era o que o mantinha vivo. Desde o acidente vascular cerebral seu pai ia desaparecendo aos poucos, desvanecendo como um sonho bom. Ela tinha verdadeira fobia ao passar do tempo, a necessidade de ter de visitá-lo naquele estado. Tinha a impressão que mais dia, menos dia, quando entrasse no quarto, não encontraria mais nada em cima da cama a não ser o pijama, o lençol e o cobertor – mesmo que a enfermeira e o Dr. Breno dissessem que seu pai, de alguma forma, ainda estava ali. Saudável como um touro, seu pai nunca tivera nada na vida além de um resfriado corriqueiro ou uma incômoda dor de garganta. Nada de colesterol alto, nada de pressão alta nem diabetes. A única luta que o pai travara em nome da saúde tinha sido contra o vício do cigarro. Ainda assim, gabava-se, rindo com os amigos, dizendo que aquela tinha sido uma guerra preventiva. Sempre magro e ativo, sorridente e bem-humorado, um porto seguro de equilíbrio e alto-astrol para

atracar e pedir guarida em períodos de tristeza e depressão. Um dia, simplesmente do nada, aquilo. Um mal-estar, uma dor de cabeça chata, um corpo que não se levantou mais da cama. Um telefonema da faxineira, que ia, por sorte, toda quarta, avisando que o pai estava doente, esquisito, sem sair da cama, falando tudo embolado. Laura entrou em choque, achando que o pai estaria morto antes de ela chegar até a casa. Só conseguiu pensar em Dr. Breno, o dono do hospital onde o pai trabalhava nos últimos doze anos. Dr. Breno veio pessoalmente e foi ele quem diagnosticou e tratou da internação imediata do amigo. Foi justamente nessa época que Laura desmoronou uma segunda vez.

A mulher enxugou as lágrimas sabendo que era isso que ele faria se estivesse desperto, ao seu lado. Mais uma vez ela encarava o pai e, sem se dar conta, alisava a cicatriz no próprio pulso. Não entendia como uns lutavam tanto para manterem-se agarrados ao fio da vida e outros, fracos como ela, entregavam-se de bandeja às teias da morte, de bom grado, de boa vontade, com todo desejo de ir-se embora para o outro lado do manto, e acabavam sendo regurgitados para essa existência que todos os conscientes teimavam em chamar de vida. Ela vinha perdendo as forças. Laura conseguia ludibriar a todos vestindo um sorriso ensaiado e desfilando com ele pela rua, pela padaria, entre os amigos de trabalho. Era mais fácil assim. Com um sorrisinho besta, ninguém notava o tsunami devastador corroendo e erodindo sua alma bem ali, dentro de seu peito. Queria que aquele sorriso na frente do espelho também a enganasse, forjando felicidade, mas não conseguia. E agarrava-se levemente à vida, esperando pelo pai. Tinha que ter certeza de que não iria desapontá-lo. O consolo e único remédio vinha sendo aquela nova e inesperada amizade com Miguel, que mais que um bom amigo era um bom ouvido. Miguel não a julgava nunca. Miguel não queria saber de seu passado, se ela tinha sido ou não culpada e nem sabia que ela um dia tentara acabar com a própria vida.

Marcel colocou a aspirina na boca e com um gole de café quente fez o comprimido deslizar garganta abaixo, já ouvindo mentalmente os protestos de Keyla, que dizia não adiantar nada usar remédio para dor de cabeça junto com café. Sorriu com o canto da boca e pousou a xícara ainda pela metade sobre a mesa enquanto apanhava o telefone celular que tocava.

– Grande Carioca! Novidades, irmão? – disse, girando a cadeira de couro, flexionando-a para trás e estendendo os pés sobre os armários cheios de livros de direito, técnicas de investigação particular e espionagem industrial.

Enquanto o colega de profissão falava, seus olhos encontraram um catálogo de quebra-cabeça que estava sobre a bancada; espichou o braço e o apanhou. Aquele era recente e ele nem tinha olhado direito. Curioso para ver as novidades, foi passando a vista de kit para kit enquanto a voz aborrecida de Carioca desfiava um choramingo sem fim. Marcel ergueu os olhos e bufou.

– Escuta, eu recebi o dinheiro da Moema só ontem, à noite ainda por cima. Já depositei.

Carioca continuou e ele tornou a olhar para o catálogo, depois olhou para a parede do escritório toda decorada com paisagens e monumentos conhecidos ao redor do mundo. Um olhar mais detido seria o suficiente para saber que não eram quadros, e sim quebra-cabeças montados e com as peças coladas, transformados em arte decorativa. Daí seria fácil deduzir também que este era o passatempo do rapaz de trinta anos que ocupava aquele escritório de investigações particulares.

– Carioca, Carioca, meu Deus do céu, deve entrar mais grana essa semana. Espera, saco. Estou rezando para cair alguma coisa grande como o trabalho da Noboro Softwares, trabalho de empresa é que dá dinheiro graúdo, não estou mais com saco para essas picuinhas conjugais. – Fez uma pausa e circulou dois quebra-cabeças do catálogo. – Eu sei, Carioca. Eu sei, meu chapa. Mas não estou só rezando, né? Tou correndo atrás também.

Dessa vez os olhos de Marcel foram para as nuvens além da janela. Manhãs de céu tão azul e limpo eram raras na cidade.

– Não, Carioca. Estou trabalhando, tou, sim. Nada de quebra-cabeças. Estou quebrando cabeça só com meus clientes e com quem eu tou devendo grana, você, no caso. Deixa eu desligar pra ver meus e-mails, vai ver entra algum negócio até o fim da semana. Abraço.

Marcel sorveu mais um gole do café ainda quente, desligou o telefone pensativo e, inclinando a cadeira para frente, devolveu o catálogo para cima da bancada. Quando virou-se para a mesa, o susto foi tão grande que derramou parte do café em sua calça jeans. Tinha um homem parado ali.

– Putz! Quer me matar do coração, meu irmão?!

O homem, de aparência bem distinta, trajando o que parecia ser um terno caro, marrom-escuro, rosto magro e vincado, aparência de uns setenta anos, tinha um aspecto frágil à primeira vista, mas era dono de um olhar penetrante e um garbo seguro, que conferiam firmeza e certa aristocracia reforçada pela bengala com empunhadura dourada e uma pasta de couro marrom-escuro.

– Lamento se o assustei, Sr. Marcel. Apareci em hora imprópria?

Marcel, além da primeira impressão capturada pela elegância daquele senhor, ainda percebeu um anel de ouro na mão direita, um antiquado e grande relógio também dourado no punho esquerdo. Sem sombra de dúvidas, era um homem bem colocado na vida.

– Se é dos meus serviços que precisa, de forma alguma, apareceu em hora bem oportuna.

O velho sorriu.

– Gostei de você, jovem. Gostei. Quem me indicou realmente sabia o que dizia. Agora...

Marcel inclinou-se para frente, já que o homem baixou um pouco o tom de voz.

– Diga-me, é verdade que o senhor é bem sigiloso?

O investigador levantou as mãos espalmadas.

– É claro que sou. Meu trabalho é justamente esse. Tudo o que faço pelos meus clientes é pautado pelo sigilo.

– Entendo. Contudo, ainda fico apreensivo.

– Ora, o senhor não aparenta ser um homem que teme. Não mesmo. Tem postura de conquistador. – Marcel tentou encontrar algum sinal de simpatia na face do sujeito, mas nada mudou. – Apesar de não notar uma aliança no seu anelar

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

